

MEU PEQUENO, GRANDE AMOR!

Eleine Maria Cocco Balboni.

novembro/ 2015.

APRESENTAÇÃO

Meu nome, Eleine Maria Cocco Balboni, sou Tecnóloga em Gestão Pública; funcionária pública estadual, trabalho como Agente Educacional II.

Adoro ler e escrever, desenhar, ouvir música e dançar; tudo o que se relaciona a arte.

Sou casada, tenho três filhos que amo muito!

Acredito na força do amor, na superação; na persistência e no tempo que cura todas as dores.

Convido você leitor, a fazer parte da minha história!

Diego, este livro e ilustrações são para você!!! ...



MEU PEQUENO , GRANDE AMOR!

Quando pareço ausente, não creias! Estou em todo lugar.
Era mês de setembro, os raios de sol brincavam no céu azul;
onde algumas nuvens vagavam a favor do vento!

A tarde transcorria monótona.

Lá fora, o vento dava ênfase aos sons primaveris assoviando
entre as folhagens.

Os ruídos, o canto dos pássaros, sentia-se o perfume da
estação no ar.

Diego, calado, observava através da vidraça o sol que reluzia
sobre o lençol verde que se entendia pela colina.

Era primavera, e a natureza fazia arte com suas cores.

_ Mãe, posso brincar na colina? Meus amigos estão lá.

Eu sabia, que algumas crianças brincavam no declive, do outro
lado da colina vista de nossa janela.

Costumavam descer a ladeira sentados sobre pedaços de
tábua; o resultado, diversão, escoriações e adrenalina.

_ Está bem meu filho, mas antes do sol sumir no topo da
montanha, te quero em casa, tome cuidado.

Com seus dez anos de idade, Diego era um menino dócil com ar carente e a meiguice no olhar; um tanto solitário adorava fazer experimentos; me deixando apreensiva. Sensível e sonhador, acreditava poder pintar o mundo com as cores do arco-íris; seu maior desejo, poder voar!

- Cadê ele? Ah!!! Lá está, a correr pela calçada, até sumir por trás das casas e árvores na base da colina.

Me afastei. Quando tornei a janela para observar o topo da colina, quero-queros revoavam e com seus gritos estridentes, tentavam afugentá-lo, passavam próximos a ele, dando rasantes, como a demarcar área de seu ninho. Era primavera, época em que a natureza se encarrega de manter as espécies; renascer e surpreender a vida!

Um pouco aflita, retornei a meus afazeres.

Passaram-se alguns minutos, quando ouvi seus passos a entrar em casa, afoito, com o coração na boca e o brilho no olhar! E nas mãos; ah! Nas mãos o troféu!

Um ovo de quero-quero, aquecido, envolto em sua camiseta amassada.

Cheirava a grama e pó!

Sorriu, e de modo convincente falou!

_ Mãe, eu posso ficar com ele? Lá na colina as cobras vão comê-lo, eu quero vê-lo nascer.

Bem, diante daquele rosto lívido e suado com ar de quem implora pela vida, e do dia que findava lá fora, concordei, sem pensar no que viria a seguir.

Bastaram poucos minutos para que retornasse à mim, com um pote cilíndrico de cerâmica nas mãos, e dentro, envolto em algodão, o ovo!!

- Mãe, consegue para mim uma extensão e uma lâmpada? É para manter o ovo aquecido! Vivo.

Pronto, ali estava o meu cientista aprendiz e seu experimento, persistente e convencido de seu objetivo.

Passaram-se dias, semanas!

Conferir o pote sob a lareira, o ovo e a lâmpada, eram prioridades depois da escola, os amigos da colina já não importavam mais.

Certo dia, ao olhar sua experiência, percebeu um pequeno movimento do ovo dentro do pote, eram passados em torno de vinte dias.

Curioso, tentou imitar o som de um pássaro recém nascido. Um assobio fino, curto em sequência.

Pasmem! Dentro do ovo o filhote respondia a seu chamado, um assobio fraquinho, como a pedir aconchego. Seus olhinhos brilharam de emoção! Sorria feliz!

Repetia o assobio e colocava o ovo próximo a mim para que eu ouvisse o som do filhote. A maravilha da vida!

- Ele vai nascer mãe! Vai nascer!!!

Foi difícil para ele dormir naquela noite! Precisava escolher um nome para o amigo que estava prestes a nascer.

Ao amanhecer a surpresa! O filhote, decidido quebrava a casca do ovo em busca de ar.

- Mãe!!! Nasceu!!! gritava ele. Nasceu!

Realizado e feliz, seu coração já não cabia no peito! - Minha experiência deu certo! Falava e sorria.



Um filhote de quero-quero.

Um tufo de penugem com pintas, bico e pernas longas, decidi chamá-lo de Tufí.

Os dias tornaram-se curtos. Acabaram-se as brincadeiras.

Diego se desdobrava entre a escola e criar o Tufí; água, pernilongos, minhocas e larvas, não podiam faltar.

Tufí passava da caixa de papelão, para seu colo ou andava pela casa a segui-lo.

Tufí crescia, e seu piu cada vez mais intenso começava a perturbar nosso sono.

Certa madrugada, para faze-lo calar, Diego o colocou em sua cama, envolto em um pano macio.

Aquietou-se, sentia a presença do amigo!

Porém, ainda dormindo Diego virou-se na cama.

E quando acordou, lá estava Tufí, sem vida, sufocado!

O choro! O desespero, a dor imensa da perda, a culpa!

Não foi a escola por dois dias.

Triste, chorava cada vez que lembrava de seu amiguinho Tufí, que enterrou no fundo do quintal.

Sua dor me deixava triste também.

Eu, preocupada em amenizar sua dor; resolvi substituir o Tufí;
seu pequeno, grande amor, por outro filhote.

Após pensar um pouco, e analisar a situação; eu decidi dar a ele,
um animalzinho que ele pudesse tocar.

Dei-lhe de presente um ramster chinês fofinho e brincalhão.

- Obrigada mãe! Ele vai se chamar Voly!

Uma bolinha de pelos; de cor cinza, com duas listas grafite e
olhinhos castanhos espertos, Voly, pouco a pouco conquistou
seu coração!

Seus pezinhos e mãozinhas minúsculas e frágeis o encantavam.

Impossível não amá-lo.

Comia em sua mão confiante; Diego, não esquecerá Tufí, mas
deixou nascer dentro de si, um novo amor!

Acredito que a vida é feita de provas e superações. Somos o que
vivemos.

A dor humaniza, fragiliza e fortalece.

Diante da dor, nos entregamos, somos todos iguais!

